Universidades Lusíada

Pereira, Andreia Patrícia Ferreira

A relação do afeto positivo/negativo e o envolvimento sustentável em adolescentes

http://hdl.handle.net/11067/6105

Metadados

Data de Publicação 2021

Resumo O Desenvolvimento Sustentável é a temática mais procurada e abordada nos últimos tempos, dado a sua relevância para a humanidade e para o planeta. Neste sentido, torna-se pertinente compreender a relação do ser humano para com os comportamentos sustentáveis, nomeadamente as componentes psicológicas mediadoras para o envolvimento com o desenvolvimento sustentável e para os comportamentos sustentáveis. Neste sentido, a presente investigação pretendeu entender e compreender se o afeto positivo e o ...

Abstract: The sustainable development is the most researched and talked about theme in recent times due to its relevance towards humanity and the planet earth. This way, it is pertinent to understand the relationships between humans and their sustainable behaviors, namely the physiological components for its development with the sustainable development and its sustainable behaviors. In this sense, the following investigation aimed to understand and comprehend whether positive affect and negat...

Palavras Chave Psicologia clínica, Afetos, Desenvolvimento humano

Tipo masterThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-14T18:10:44Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

Universidade Lusíada - Norte
Porto

A relação do afeto positivo/negativo e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2021

Andreia Patrícia Ferreira Pereira

ipce
instituto de psicologia
e ciências da educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Universidade Lusíada - Norte
Porto

A relação do afeto positivo/negativo e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2021

Andreia Patrícia Ferreira Pereira

Trabalho efectuado sob a orientação do/a
Professora Doutora Joana Serra de Oliveira

instituto de psicologia
e ciências da educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Agradecimentos

A longa viagem deste percurso académico de cinco anos, que nem sempre foi fácil para alcançar um sonho, o qual eu achava que seria tardio devido ao meu próprio preconceito relativamente à minha idade, o sonho de ser psicóloga. Incluiu uma trajetória repleta de inúmeros desafios, tristezas, incertezas, alegrias, lágrimas e muitos percalços, mas, apesar do processo solitário em grande parte do tempo, necessário à minha formação académica, deverá obrigatoriamente receber o contributo de várias pessoas sem as quais a concretização deste sonho seria impossível.

Percorrer este caminho só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este projeto de vida e este meu sonho.

Especialmente à minha orientadora, Professora Doutora Joana Oliveira, que sempre acreditou em mim, agradeço a exemplar orientação, o interesse permanente, a visão crítica e oportuna, a exigência, os quais contribuíram para ir culminando, passo por passo, todas as etapas necessárias à concretização deste percurso.

Ao Dr. Celso Oliveira, pois foi este ser maravilhoso que me convenceu a ingressar em Psicologia, mostrou-me que, apesar da minha idade, o meu sonho era possível, encorajando-me, incentivando-me e que, ao longo destes cinco anos, esteve sempre ao meu lado, apoiando-me, ensinando-me e transmitindo-me o seu conhecimento, não só como excelente profissional, mas também como ser humano extraordinário que é.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, que amo incondicionalmente e que tantas vezes ficou sozinha, espero doravante compensá-la das horas de atenção que lhe privei e foi um grande estímulo nesta caminhada. Apesar de não entenderem inicialmente a minha decisão de voltar a estudar, presenciaram o meu esforço e entenderam que este sacrifício era para realizar o meu sonho, tendo me apoiado sempre mesmo nos inúmeros momentos que quase sucumbi ao cansaço, não me deixando desistir.

À minha irmã, ao meu afilhado e meu cunhado, que são tudo para mim, e não tiveram as visitas esperadas que seriam expectáveis, a minha ausência foi mais que muita, e que foram suficientemente pacientes para esperar.

Às minhas amigas de sempre, Mestre Fabiana Rodrigues e Mestre Diana Cunha, agradeço o acompanhamento, apoio e motivação que permitiu tornar este percurso numa válida e agradável experiência de aprendizagem. Estou grata pela nossa amizade.

Aos meus amigos que me apoiaram sempre incondicionalmente, principalmente nas horas mais difíceis. Todos foram e são especiais, mas vocês tiveram um papel fundamental, Isa Alves, João Silva, Manuel Pinto, e Ana Maria, que infelizmente partiu antes de eu concluir o mestrado. E aos meus colegas de curso que irei levar sempre no meu coração, que permitiram que a caminhada fosse de partilha e de amizade, Bruna Pereira, Cláudio Soares e Susana Ferreira.

Agradeço a todos os professores que ao longo destes cinco anos me ensinaram, todos foram fundamentais no meu percurso! Dr. Armando Pinho, Dra. Isabel Torres, Dr. Jorge Castro, Dra. Rosana Magalhães, foram aqueles que mais me marcaram por diversas razões e cada um destes à sua maneira.

Á minha eterna estrelinha, que sempre me apoiou, me incentivou, que onde quer que estejas, possas estar orgulhoso como sempre estiveste, de eu ter concluído o curso como tanto me encorajaste!

Por fim, o meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que este momento se tornasse possível.

A todos, a minha eterna gratidão e o meu humilde obrigado.

Patrícia Ferreira

TEMPO DE DESCANSAR...

Mergulha, mergulha no son(h)o,

Mas mergulha devagar,

Porque se mergulhares depressa

O barulho do teu mergulho,

Com toda essa tua pressa,

Faz-te de novo acordar.

Oogham R. M. Lenam

(Não publicado)

Resumo

O Desenvolvimento Sustentável é a temática mais procurada e abordada nos últimos tempos, dado a sua relevância para a humanidade e para o planeta. Neste sentido, torna-se pertinente compreender a relação do ser humano para com os comportamentos sustentáveis, nomeadamente as componentes psicológicas mediadoras para o envolvimento com o desenvolvimento sustentável e para os comportamentos sustentáveis. Neste sentido, a presente investigação pretendeu entender e compreender se o afeto positivo e o afeto negativo são preditores ou mediadores de envolvimento ou não-envolvimento no desenvolvimento sustentável e comportamentos sustentáveis. Neste estudo participaram 3372 adolescentes, 1713 do género feminino e 1659 do género masculino, com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos de idade, maioria dos adolescentes com nacionalidade portuguesa. Foram administrados um Questionário Sociodemográfico, a versão portuguesa de *The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDISDI)* e a versão portuguesa de *Positive and Negative Affect Schedule (PANAS).* Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas quanto ao género, sendo que o género masculino evidenciou mais afeto positivo do que o género feminino, contudo o género feminino apresentou valores mais elevados de envolvimento com o desenvolvimento sustentável de que o género masculino. Constataram-se correlações positivas, onde o afeto positivo se evidenciou como preditor positivo do envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Palavras - chave: Afeto Positivo, Afeto Negativo, Envolvimento, Não-Envolvimento, Desenvolvimento Sustentável, Adolescentes

Abstract

The sustainable development is the most researched and talked about theme in recent times due to its relevance towards humanity and the planet earth.

This way, it is pertinent to understand the relationships between humans and their sustainable behaviors, namely the physiological components for its development with the sustainable development and its sustainable behaviors.

In this sense, the following investigation aimed to understand and comprehend whether positive affect and negative affect is a predictor or mediator of involvement or non-involvement in sustainable development and sustainable behaviors. 3372 teenagers participated in this study, which of 1713 were females and 1659 were males, with the ages between 12 and 16. The majority were portuguese. It was administered the Sociodemographic Questionnaire, the Portuguese version of *The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDISDI)* and the Portuguese version of *The Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)*. Statistically there were differences relative to the gender, the males showed more positive affect than the females, however the female gender showed higher scores of involvement with the sustainable development than the male gender. Positive correlations were found, where the positive affect was evidenced as a positive predictor of involvement with sustainable development.

Keywords: Positive Affect, Negative Affect, Involvement, Non-Involvement, Sustainable Development, Teenagers.

Índice

Introdução 1
Adolescência 2
Afeto positivo e afeto negativo 4
Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável 7
Relação entre o afeto positivo e afeto negativo no envolvimento 13
Questão de investigação, objetivos e hipóteses 19
Método 21
Tipo de estudo 21
Participantes 21
Instrumentos de avaliação 22
Questionário Sociodemográfico 22
The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDISDI) 23
Positive and Negative Affect Schedule (PANAS) 23
Procedimentos 24
Análise dos dados 25
Resultados 26
Relação entre afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável 26
Diferenças entre género ao nível do afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável 29
Discussão de Resultados 30
Conclusão 39
Referências bibliográficas 41

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização dos participantes 22

Tabela 2. Correlação entre afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável 26

Tabela 3. Análise da influência do afeto positivo no envolvimento com o desenvolvimento sustentável 27

Tabela 4. Análise da influência do afeto negativo no envolvimento com o desenvolvimento sustentável 28

Tabela 5. Diferenças entre género ao nível do afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável 29

Introdução

Nos dias que correm cada vez mais, assume-se como uma preocupação crescente a nível mundial o Desenvolvimento Sustentável, a sua importância para o mundo e para a humanidade. Neste sentido e de acordo com referenciado na página oficial do *Centro Regional das Nações Unidas* (UNRIC), a Agenda de 2030 alude às várias dimensões do desenvolvimento sustentável, quer a nível social, económico como também a nível ambiental, visando a promoção da paz, justiça e instituições eficazes (UNRIC, 2021).

Sendo a Psicologia a ciência que visa o estudo sobre o comportamento humano, na literatura não se encontra muitos estudos sobre o envolvimento com o desenvolvimento sustentável, consequentemente as conclusões dos estudos realizados até então são muito pouco claras, não havendo um entendimento claro e objetivo sobre o construto do envolvimento com o desenvolvimento sustentável (Moreira et al., 2020).

Da busca por parte da psicologia da educação para compreender o abandono escolar, surge por parte de Finn em 1989, o modelo teórico que explica o conceito de envolvimento. O conceito de envolvimento é descrito como sendo a energia para a ação e a relação entre o sujeito e a atividade, por conseguinte este construto implica o envolvimento ativo do indivíduo numa tarefa ou atividade (Appleton et al., 2006; Moreira et al., 2020).

Na literatura depara-se com um número crescente de investigações na área da educação sobre o construto de envolvimento, onde se pressupõe que o mesmo tem uma natureza maleável, e onde se percebe o construto de envolvimento como um estado e não como traço, o qual é inspirado por fatores pessoais (e. g., valores, crenças, motivação) e por fatores contextuais (Appleton et al., 2008; Finn, 1989; Fredericks et al., 2004; Wentzel, 2012).

Inicialmente os estudos sobre o construto de envolvimento provenientes de investigadores da área da educação baseavam-se na dimensão comportamental, ou seja, nos comportamentos diretamente observáveis, nomeadamente o tempo despendido na realização de uma determinada tarefa, tendo posteriormente sido acrescido o interesse em estudar a dimensão emocional e cognitiva (Finn, 1989; Fredericks et al., 2011).

Os investigadores da área da educação consideram o envolvimento como sendo um processo *continuum*, o qual pode ser explicado pelos níveis mais ou menos elevados de envolvimento, e deste modo verificar a existência de intensidade ou grau de força de envolvimento na tarefa (Appleton et al., 2006; Christenson et al., 2008; Finn, 1989; Fredricks et al., 2004; Furlong et al., 2003; Newmann et al., 1992; Skinner et al., 2008).

Na literatura encontra-se referência ao construto de envolvimento como manifestação de capacidades cognitivas, comportamentais, emocionais e ainda motivacionais, onde se supõe que o envolvimento implica uma manifestação observável da motivação (Pianta et al., 2012; Skinner et al., 2009).

Adolescência

O conceito de adolescência não é muito consensual pelo que se pode constatar na literatura, contudo existe a prevalência para considerarem a adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano, que se desenrola entre a infância e a idade adulta (Gilbert, 2012; Helsen et al., 2000; Morris et al., 2007; Silva & Freire, 2014).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2021), a adolescência refere-se a um período de desenvolvimento humano, entre os 10 e 19 anos, em que este período é considerado como uma etapa biopsicossocial em que se verificam modificações a nível físico, social, cognitivo e emocional, pautado por novas experiências e por fase de novas descobertas (WHO, 2021).

Consideram-se que os jovens serão os homens e as mulheres do amanhã, daí o interesse cada vez mais crescente em estudar este grupo-alvo específico. Investigadores têm explicado a adolescência como sendo um período desenvolvimental pautado por alterações biológicas que são específicas da puberdade, psicológicas, sociais e contextuais, para a construção da sua identidade pessoal e social (Gilbert, 2012; Helsen et al., 2000; Morris et al., 2007; Silva & Freire, 2014).

Neste sentido, autores como Rosa (1992), onde refere que a adolescência é uma etapa típica do desenvolvimento ontogénico, no qual é passível a ocorrência de manifestações de conflitos internos intensos, que podem refletir alguma instabilidade emocional na busca da sua independência e afirmação. Por sua vez Erickson (1972) na sua teoria psicossocial, refere que é na adolescência que o indivíduo experimenta uma diversidade de papéis, na busca do seu próprio *self,* e na construção da sua própria identidade. Para Sampaio (1993) a fase desenvolvimental da adolescência implica alterações psicobiológicas, uma maturação que desenvolve um sistema de crenças, de valores enquadradas na identidade pessoal do sujeito que se tem vindo a desenvolver.

Pelo que se pode constatar na literatura, existe um consenso, em que na adolescência ocorre uma maturação diversificada, e é neste período que os jovens constroem a sua identidade pessoal e social, e que para além das alterações de caráter biológico ocorre ainda uma maturação psicológica, as quais são influenciadas pelo contexto social e cultural onde o adolescente está inserido (Gilbert, 2012; Helsen et al., 2000; Morris et al., 2007; Steinberg & Silk, 2002).

A dimensão emocional do indivíduo influencia os seus comportamentos, assim como o seu envolvimento ou predisposição para vivenciar e experienciar a uma variedade de situações. A adolescência consiste num período desenvolvimental do ser humano o qual é pautado por um crescimento substancial da dimensão sociocognitiva e o

surgimento de valores relativamente à natureza e ao papel dos sistemas políticos e sociais (Bardi & Schwartz, 1996; Oosterhoff et al., 2017).

Na literatura pode se constatar que existem inúmeras investigações onde as emoções são um construto relevante em várias temáticas na área de psicologia, nas quais as emoções têm tido um papel cada vez mais crescente na investigação, pois existem evidências de que as emoções influenciam os processos cognitivos e psicológicos (Damásio, 1994, 1998; Moreira et al., 2012).

Um estudo desenvolvido por Park (2004) que estudou os afetos positivos em adolescentes correlacionados com a qualidade de vida, onde concluiu que os adolescentes que apresentam um maior nível de afeto positivo têm maior probabilidade de ter uma melhor qualidade de vida (Segabinazi et al., 2012). Já adolescentes que apresentaram baixo afeto positivo estava diretamente relacionados a comportamentos delinquentes (Lyubomirsky et al., 2005; Windle, 2000). Num estudo com estudantes do ensino médio em Israel, verificou-se que os adolescentes que pontuavam mais elevado no afeto positivo tinham maior propensão a se envolver nas questões comunitárias (Lyubomirsky et al., 2005).

Afeto positivo e afeto negativo

O afeto positivo e afeto negativo são considerados componentes do bem-estar subjetivo, que de acordo com Diener (2000), o qual assume a influência da perspetiva hedonista, considera que a felicidade é sinónimo de bem-estar subjetivo, onde concebe que este construto é um conceito muito individual, visto que é uma avaliação geral que o indivíduo faz da sua própria vida e de como experiencia as suas próprias emoções (e. g., positivas e negativas) ao longo da vida, ou seja, a dimensão cognitiva e a dimensão emocional do sujeito (Rossi et al., 2020; Siqueira & Padovam, 2008). Apesar da intensa

investigação deste construto, não existe um consenso unânime da definição do conceito de bem-estar subjetivo. Na literatura existe referência de investigação nas várias dimensões do construto de bem-estar subjetivo (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Diener et al., 1999; Diener, 2000).

Pelo referenciado na literatura, existe um consenso relativamente aos componentes do bem-estar subjetivo, sendo estes: satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos, assim sendo a dimensão cognitiva e emocional do indivíduo (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Diener et al., 1999; Diener, 2000; Lima & Morais, 2016; Polleto & Koller, 2011; Rossi et al., 2020; Gil da Silva & Dell'Aglio, 2018; Woyciekoski et al., 2012).

O afeto positivo e afeto negativo para além de serem dimensões do bem-estar subjetivo são também componentes da afetividade, onde este construto é compreendido como sendo a forma que o sujeito reage e interage com o seu meio ambiente, correspondendo à forma reativa do temperamento, que é constituída por dois fatores: afetividade negativa e afetividade positiva. A afetividade negativa pode ser descrita como a suscetibilidade à experiência negativa, sentimentos negativos (e.g. angústia ou ansiedade), por oposição a afetividade positiva indica a predisposição a experienciar sentimentos mais positivos (e.g. alegria ou abertura à experiência) (Malderen et al., 2019).

O conceito de afeto negativo está associado a estados emocionais negativos ou aversivos, podendo ser evidenciados por manifestações de ansiedade, angústia, raiva, hostilidade, insegurança, medo, tristeza ou nervosismo. Em contrapartida, o afeto positivo está associado a estados emocionais mais positivos, evidenciando entusiasmo, energia, agitação, estados de alerta e predisposição a experienciar emoções positivas (Polleto & Koller, 2011; Segabinazi et al., 2012; Gil da Silva & Dell'Aglio, 2018; Tobar et al., 2019; Watson et al., 1988).

O afeto positivo e o afeto negativo, assumem-se assim de uma forma consensual na investigação como componentes do bem-estar subjetivo, juntamente com a satisfação com a vida, a satisfação com o suporte social e a qualidade de vida (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Diener et al., 1999; Diener, 2000; Lima & Morais, 2016; Polleto & Koller, 2011; Rossi et al., 2020; Gil da Silva & Dell'Aglio, 2018; Woyciekosk et al., 2012).

O afeto positivo constitui-se como uma dimensão do bem-estar psicológico, o qual é percebido como felicidade, satisfação e esperança, e as emoções positivas estão diretamente relacionadas com os processos cognitivos (Bennefield, 2018).

Diener e Seligman (2002) referenciam que pessoas mais felizes evidenciam poucos indicadores de psicopatologia, ou seja, indivíduos com elevado afeto positivo têm menos probabilidade de desenvolver quadros psicopatológicos, ou como também o abuso de substâncias (e.g., álcool, drogas) (Lyubomirsky et al., 2005).

Segundo Caprara et al. (2018), o afeto positivo pode ser um preditor positivo nos processos psicológicos para a mediação da expressão comportamental do sujeito para a orientação positiva, a qual era denominada inicialmente como pensamento positivo.

Na literatura encontram-se estudos longitudinais realizados no âmbito da orientação positiva, apontando os resultados no sentido que a orientação positiva se encontrar relacionada com um nível mais elevado de afeto positivo e mais baixo nível de afeto negativo (Caprara et al., 2018; Laguna, 2019).

Será importante devido ao estudo supracitado, referir as caraterísticas associadas ao afeto positivo, sendo estas: otimismo, autoconfiança, autoeficácia, empatia e interpretações mais positivas e otimista dos outros e das situações, maior predisposição e energia, mais sociáveis e comportamentos pró-sociais, maior resiliência e resolução de problemas, consequentemente estas características são preditoras de maior envolvimento ativo do sujeito na procura de atingir as suas metas e seus objetivos, pois as emoções

positivas são impulsionadoras e preditoras da abertura à experiência (Lyubomirsky et al., 2005).

Relativamente a diferenças de género, os estudos de Polleto e Koller (2011), Segabinazi e colaboradores (2012) e Gil da Silva e Dell'Aglio (2018) realizados em adolescentes no Brasil, apuraram que o género feminino apresentava níveis de afeto negativo mais elevado que o género masculino, que apresentaram níveis mais baixos de afeto negativo e mais elevado de afeto positivo.

Bennefield (2018) com uma amostra representativa dos adolescentes (N = 10148) nos Estados Unidos da América, concluiu que os adolescentes latinos apresentavam mais elevados níveis de afeto positivo do que os adolescentes brancos, assim como os rapazes apresentavam mais elevados níveis de afeto positivo em comparação com as raparigas, e ainda que o envolvimento dos adolescentes foi um forte indicador de afeto positivo.

O construto de afeto positivo é um recurso do indivíduo para lidar com situações adversas e também de autorregulação emocional (Lyubomirsky et al., 2005).

Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável

O construto de envolvimento é descrito pelas dimensões cognitiva (e.g., investimento, autorregulação), emocional ou afetiva (e.g., atitude positiva, interesse, pertença) e comportamental (e.g., esforço, participação, conduta positiva) (Appleton et al., 2006; Fredricks et al., 2004; Moreira et al., 2020). O envolvimento é assim visto como sendo um construto multidimensional o qual subentende quatro subtipos, sendo estes cognitivo, psicológico, comportamental e académico, havendo vários indicadores para cada um destes (Appleton et al., 2006; Moreira et al., 2020).

As investigações sobre o construto de envolvimento tem tido como enfoque uma população-alvo, os adolescentes, onde tem sido muito direcionado para as aprendizagens, o rendimento e sucesso académico (Fredericks et al., 2004).

A Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1987, sugeriu o conceito de "*Desenvolvimento Sustentável*", onde o mesmo consiste que no presente se atenda às necessidades do planeta e da população a nível mundial, sem prejudicar ou comprometer as gerações vindouras e que estas possam também responder às suas próprias necessidades (Fernandes, 2002).

De acordo com ONU (Organização das Nações Unidas), o conceito de desenvolvimento sustentável consiste num modelo que visa atender às necessidades atuais da população mundial e do planeta sem embargo às gerações futuras de responderem às suas eventuais necessidades (Silva et al., 2020).

Nas últimas décadas tem surgido uma preocupação cada vez mais crescente a nível mundial com o Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade, a sua importância para o mundo e para a população mundial. Os organismos mundiais tem incitado ao envolvimento e comprometimento dos organismos públicos e privados, bem como dos cidadãos, com o enfoque na resolução dos problemas ambientais e sociais que tem vindo a afetar o planeta e os seres humanos. Tendo como alicerces pressupostos técnicos e científicos, visando a sobrevivência da espécie humana, pois o ser humano necessita de todos os recursos naturais para a sua sobrevivência (Haydu & Camargo, 2013; Morgado et al., 2014).

De acordo com referenciado na página oficial do *Centro Regional das Nações Unidas* (UNRIC), a Agenda de 2030 alude às várias dimensões do Desenvolvimento Sustentável, quer a nível social, económico como também a nível ambiental, visando a promoção da paz, justiça e instituições eficazes. Esta Agenda é composta 17 objetivos de

Desenvolvimento Sustentável, sendo estes: 1) erradicar a pobreza; 2) erradicar a fome; 3) saúde de qualidade; 4) educação de qualidade; 5) igualdade de género; 6) água potável e saneamento; 7) energias renováveis acessíveis; 8) trabalho digno de crescimento económico; 9) indústria, inovação e infraestruturas; 10) reduzir as desigualdades; 11) cidades e comunidades sustentáveis; 12) produção e consumo sustentáveis; 13) ação climática; 14) proteger a vida marinha; 15) proteger a vida terrestre; 16) paz, justiça e instituições eficazes e, 17) parcerias para a implementação dos objetivos (UNRIC, 2021).

De acordo com Di Fabio (2017), os objetivos da Agenda 2030 enfatizam a relevância de ampliar novas oportunidades de progresso e de promoção do desenvolvimento dos sujeitos como ser individual, as famílias e as comunidades, para deste modo promover o desenvolvimento sustentável e o crescimento global. Refere ainda que a sustentabilidade para além das dimensões ecológicas e sociais, a mesma deverá ser também orientada para o bem-estar dos indivíduos, na melhora da qualidade de vida.

Apesar do conceito de desenvolvimento sustentável ter como área de base as ciências biológicas que tem ainda as suas bases técnicas e científicas que preconizam a durabilidade dos ecossistemas, daí a sua operacionalização tem sido mais direcionada para as áreas económica e ambiental, somente mais recentemente ocorreu uma maior relevância para a dimensão social como agente de implementação do desenvolvimento sustentável (Fernandes, 2002; Froger et al., 2004; Roldán & Henao, 2017).

Alguns investigadores tem-se debruçado sobre a operacionalização do conceito de sustentabilidade, e de acordo com Miller (2013) a relação do homem-natureza é um sistema complexo, sendo esta a relação que permite estabelecer uma relação para o desenvolvimento sustentável e para o desenvolvimento humano. Tendo por base a visão do autor, as abordagens devem inovar tendo como enfoque o desenvolvimento humano e o desenvolvimento sustentável, sendo assim passível de nos referirmos ao

desenvolvimento sustentável como um processo de mudança e transformação quer a nível individual quer a nível global (Roldán & Henao, 2017).

Na mesma visão, surgiu o trabalho de Tormo (2008), que promoveu um novo olhar sobre a operacionalização do conceito de desenvolvimento sustentável, que incide na visão da sua operacionalização ser mais orientada para a dimensão humana, tendo com maior foco para as relações do meio ambiente com a dimensão económica, e na dimensão humana, nomeadamente a população, a pobreza, desigualdade social (Hopwood et al., 2005; Moffat, 1996; Roldán & Henao, 2017).

Na década de 80, por intermédio de Amartya Sen, economista, professor e prémio Nobel de Economia em 1998, surgiu o interesse na abordagem do desenvolvimento humano como agente de mudança e não somente o enfoque no desenvolvimento económico, e sim o ser humano como agente de mudança, onde as capacidades individuais e coletivas serão promotoras da sustentabilidade (Roldán & Henao, 2017; Sen, 2000).

Cada vez mais se verifica um papel ativo dos jovens como agentes de mudança e de produção de conhecimento, com o intuito de assumir responsabilidades perante a sociedade e é exatamente isso que se pretende dos jovens na atualidade. O seu envolvimento na comunidade e nas problemáticas das sociedades é reconhecido como sendo fundamental para o desenvolvimento das comunidades, acreditando-se que este envolvimento deverá ser com significado, pois o mesmo será assim enriquecido pelo sentido de competência para o envolvimento dos jovens na sociedade em caráter social e cívico (Ilkiw, 2010; Reagan, 2015).

Estudos provenientes da área da educação, referenciam que quanto maior o envolvimento do aluno na sua aprendizagem, no seu rendimento académico e na escola menor a probabilidade de ocorrência de comportamentos disruptivos (Fernandes et al.,

2014; Wilson, 2004). Apontam ainda que o envolvimento do aluno no seu processo de aprendizagem, no seu rendimento académico e na escola é preditor de sucesso académico, sendo que o envolvimento académico é mais significativo no género feminino do que no género masculino (Archambal et al., 2009).

Relativamente aos comportamentos pró-sociais que poderemos enquadrar no desenvolvimento sustentável e no envolvimento com a comunidade, existe referência em estudos que pessoas mais felizes são mais propensas ao envolvimento para questões relacionadas com a sua comunidade (e.g., organizações educacionais, políticas, religiosas) (Lyubomirsky et al., 2005; Krueger et al., 2001; Thoits & Hewitt, 2001). Também Feingold (1983) referencia que indivíduos mais felizes são mais propensos aos comportamentos pró-sociais e em ajudar os outros (Lyubomirsky et al., 2005).

Na linha de estudos da Psicologia Ambiental, DeYoung (1996) referencia que os comportamentos pró-sociais e ambientais proporcionam no indivíduo bem-estar social. Brown e Kasser (2005) postulam que quando os sujeitos realizam férias ecológicas na época natalícia evidenciam um maior grau de felicidade. Já no trabalho de Howell e colaboradores (2011) averiguou que a ligação dos indivíduos com a natureza permite uma associação positiva com o bem-estar psicológico dos sujeitos (DeYoung, 1996; Howell et al., 2011).

No trabalho de Welsch e Kühling (2011) o envolvimento do indivíduo em consumos sustentáveis estava positivamente relacionado com o bem-estar na Alemanha, relativamente a comportamentos individuais (e. g., compra de eletrodomésticos eficientes e lâmpadas de baixo consumo) (Guillen-Royo, 2019; Welsch & Kühling, 2011).

Kaiser e colaboradores (2008), fazem referência que as pessoas podem experienciar sentimentos de culpa ou até vergonha em consequência dos seus comportamentos pró-sustentáveis que os mesmos consideram insuficientes e ainda de que

podem sentir emoções negativas (e. g., revolta ou raiva) ao visualizar destruição ambiental (Corral-Verdugo et al., 2012).

Na pesquisa de Pelletier e colaboradores (1998) concluíram que as pessoas têm maior probabilidade em se envolver em ações sustentáveis desde que as mesmas lhe confiram algum grau de satisfação. Existindo evidências de que os comportamentos sustentáveis impressionam positivamente os sujeitos, levando-os a experienciar estados de prazer e de bem-estar, como averiguou DeYong (1996, 2000) e Iwata (2001) que averiguaram sentimentos de satisfação relacionados com comportamentos sustentáveis (Corral-Verdugo et al., 2012).

Embora não se encontrem estudos que se debrucem relativamente a diferenças de género nos comportamentos sustentáveis, alguns estudos salientam que o género feminino tem níveis mais elevados de preocupação ambiental em comparação com o género masculino (Tuncer et al., 2005; Zelezny et al., 2000; Schahn & Holzer, 1990; Srbinovski, 2016). Ainda Zelezny e colaboradores (2000) e Burn e colaboradores (2012) apuraram que as mulheres apresentaram maiores níveis de preocupação ambiental comparativamente com os homens. Concluíram ainda que as mulheres evidenciaram valores mais elevados de preocupação ambiental (e.g., valores ambientais, sócio altruístas e de biosfera) (Burn et al., 2012; Srbinovski, 2016).

De acordo com Bloodhart e Swim (2020), o género desempenha um papel importante no consumo sustentável. Não existem diferenças de género entre homens e mulheres, contudo ressalvam que as diferenças que possam existir consistem nos estereótipos e nos valores de género, que moldam a forma como cada um perceciona o consumo sustentável, as suas necessidades e o modo de agir mediante os seus estilos de vida mais amplos que se cruzam com outras identidades sociais (Bloodhart & Swim, 2020).

Na generalidade dos estudos sobre a temática de sustentabilidade, sugerem que o género feminino se envolvem mais com comportamentos de consumos sustentáveis do que o género masculino (Zelezny et al., 2000). O género feminino são mais predispostas do que o género masculino a se envolverem em formas de consumos sustentáveis privados e menos conspícuas, porque também são mais propensas a cuidar dos aspetos da vida privada (e.g., usando menos água e energia em casa) reutilizando bens materiais, o que contribui para a maior sustentabilidade desses produtos (Hunter et al., 2004; Johnsson-Latham, 2007). Embora as mulheres comprem mais alimentos, roupas e objetos para a casa do que os homens, o consumo geral dos homens é menos sustentável do que as mulheres quando se considera o número de pessoas para quem as compras são feitas (as mulheres compram bens para si e para os membros da família), os meios de transporte dos homens (e.g., carros, motocicletas) e a tendência dos homens de percorrerem distâncias maiores do que as mulheres (Johnsson-Latham, 2007). Além disso, pessoas com maior poder económico consomem muito mais do que pessoas com poder económico mais baixo, e as diferenças de género no consumo são mais agravadas entre mulheres e homens com mais baixo poder económico (Johnsson-Latham, 2007). Portanto, a desigualdade de poder económico entre mulheres e homens pode ser um fator importante nos padrões gerais de diferenças de gênero em consumos sustentáveis e destaca a importância das interseções entre gênero e classe social na compreensão de comportamentos e atitudes de consumos sustentáveis (Bloodhart & Swim, 2020).

Relação entre o afeto positivo e afeto negativo no envolvimento

Na literatura não existem estudos que abordem a relação dos construtos de afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável, sendo este o tema da presente investigação, revelando assim a pertinência de estudar sobre esta temática, visto que confere uma maior compreensão sobre as diferenças individuais e

fatores contextuais que influenciam os comportamentos pró-ambientais (Moreira et al., 2020).

Na literatura encontram-se estudos que abordaram a relação dos construtos de afeto positivo, afeto negativo e o envolvimento em várias áreas da psicologia, nomeadamente da saúde, organizacional e educação. Será com base nestes estudos que será fundamentado o presente estudo e respetivos resultados. A referência aos diferentes estudos será separado por áreas para melhor compreensão dos construtos.

Área da saúde

Na área da saúde, uma investigação que teve como objetivo perceber a relação do afeto positivo em seropositivos para se envolveram no seu tratamento durante 18 meses após o diagnóstico da doença, contabilizando uma amostra de 153 participantes, concluiram que maiores níveis de afeto positivo na linha de base do tratamento foi preditor de envolvimento nos cuidados e tratamento de HIV (Carrico & Moskowitz, 2014).

Um estudo piloto na área da saúde, o qual pretendeu avaliar o envolvimento metacognitivo (através de técnica de instruções) e fatores de risco de distúrbios alimentares, insatisfação corporal e o afeto negativo, puderam concluir que o não-envolvimento foi associado a maiores níveis de afeto negativo (Atkinson & Wade, 2012).

Maier e colaboradores (2013), desenvolveram m estudo na área da saúde, o qual teve como objetivo perceber as avaliações cognitivas primárias com a atividade cardiovascular, tendo avaliado também o envolvimento na tarefa, o afeto negativo e o afeto positivo em 56 participantes do género masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos de idade. Obtiveram como resultados que as avaliações cognitivas percecionadas como ameaça estão associadas a maiores níveis de afeto

negativo, enquanto as avaliações cognitivas percecionadas como desafio estavam relacionadas a maiores níveis de afeto positivo. Tendo apurado também que o afeto positivo foi correlacionado com o aumento da pressão sistólica e diastólica, sendo que o maior envolvimento na tarefa foi associado a um aumento da resposta da pressão diastólica, tendo por fim concluído que as avaliações cognitivas primárias são maiores preditores de afeto positivo, de afeto negativo e de envolvimento na tarefa (Maier et al., 2003).

Um estudo realizado na Alemanha na área da saúde, que teve o intuito de perceber se o envolvimento em atividades de lazer e o afeto positivo são potenciais mediadores de visão positiva sobre o envelhecimento e a saúde (subjetiva e limitações físicas). A amostra foi conseguida através do *German Ageing Survey*, tendo concretizado 5194 participantes com idades compreendidas entre os 40 e os 91 anos de idade. Foi apurado com os resultados que o afeto positivo e o envolvimento em atividades de lazer foram mediadores parciais na visão positiva sobre o envelhecimento e nos resultados da saúde (subjetiva e limitações físicas), tendo demonstrado que o envolvimento em atividades de lazer e o afeto positivo ajudam a explicar a relação entre a visão positiva sobre o envelhecimento e saúde (subjetiva e limitações físicas) (Hicks & Siedlecki, 2015).

Área organizacional

Os psicólogos da área organizacional têm evidenciado através dos seus estudos, que o afeto positivo está associado ao sucesso no trabalho (King et al., 2015).

Um estudo na área organizacional, contabilizou 159 trabalhadores de cinco organizações alemãs, onde tinham como hipótese de estudo, que o envolvimento no trabalho e as folgas eram relacionadas a mais altos níveis de afeto positivo e mais baixos níveis de afeto negativo. Os investigadores confirmaram a sua hipótese, onde os

resultados obtidos revelaram que o envolvimento no trabalho é moderado pelo afeto positivo (Sonnentag et al., 2008).

Também na área organizacional, uma investigação para avaliar o papel moderador do afeto positivo nos "*daily uplifts*" (eventos diários) e no envolvimento no trabalho, puderam concluir que os "*daily uplifts*" forão mediados pelo afeto positivo e o envolvimento foi parcialmente mediado relativamente ao desempenho e ainda que em ambos as hipóteses, os níveis de afeto positivo foi maior do que o envolvimento (Junça-Silva et al., 2017).

Uma investigação realizada em contexto cultural chinês que teve como objetivo verificar a influência da liderança positiva no envolvimento dos funcionários no trabalho, usando como mediador o afeto positivo, os investigadores puderam concluir que o afeto positivo foi parcialmente mediador na associação da liderança positiva e o envolvimento do funcionário no trabalho (Yan et al., 2021).

Vander Elst e colaboradores (2013) que abordaram contextos de trabalho menos tradicionais, com uma investigação que pretendeu avaliar a insegurança no trabalho em contextos menos tradicionais, contaram com a colaboração de 296 participantes de uma organização governamental sul-africana, tendo obtido como resultados a revelação de que a insegurança no trabalho estava negativamente relacionada ao envolvimento no trabalho e positivamente relacionada ao sofrimento psicológico, sendo as referidas relações mediadas pelo afeto positivo.

Outro estudo da área das organizações, o qual estudou a relação entre *mindfulness* e o envolvimento no trabalho, no qual contabilizou uma amostra de 299 funcionários, no qual obtiveram como conclusões que o autorrelato de *mindfulness* estava relacionada ao envolvimento no trabalho, sendo que essas relações foram mediadas pelo afeto positivo, afirmando que o *mindfulness* atua positivamente no

envolvimento no trabalho, aumentando também o afeto positivo (Malinowski & Lim, 2015).

Por fim, também um estudo na área organizacional que teve como intuito observar a influência da resiliência e liderança no envolvimento no trabalho e ainda o efeito mediador do afeto positivo nesta relação. Contabilizou uma amostra de 422 indivíduos, sendo que os resultados obtidos apuraram que a resiliência e a liderança estavam positivamente relacionadas com o envolvimento no trabalho e o afeto positivo foi o mediador desta relação (Wang et al., 2017).

Área da educação

Reschly e colaboradores (2008) desenvolveram um estudo com 293 estudantes do sétimo ao 10º ano, no qual pretendiam avaliar o papel das emoções positivas (afeto positivo) no envolvimento com a escola. Neste estudo concluíram que as emoções positivas (afeto positivo) foram correlacionados a maior envolvimento do estudante na escola e as emoções negativas (afeto negativo) obtiveram níveis mais baixos de envolvimento.

Uma investigação por Salanova e colaboradores (2011), que teve como base a Teoria Social de Bandura, no qual tinha como objetivo testar se as crenças de autoeficácia influenciava o envolvimento na atividade com ação mediadora do afeto positivo, tendo sido um estudo de caráter longitudinal. Onde o primeiro estudo teve como amostra 274 professores do ensino médio e no segundo com 2100 estudantes universitários. Os autores concluíram que as crenças de autoeficácia influenciavam o envolvimento na atividade através do impacto do afeto positivo ao longo do tempo, tendo apresentado também resultados de que o afeto positivo teve mais elevados níveis no envolvimento na atividade, e por fim apuraram que ao longo do tempo as crenças de autoeficácia aumentavam devido ao afeto positivo e ao envolvimento na atividade.

Uma investigação realizada por King e colaboradores (2015), o qual teve como objetivo averiguar se o afeto positivo era facilitador do rendimento e sucesso académico, e o seu oposto que denominaram como desafeto ou descontentamento (poderemos denominar como não-envolvimento, como é utilizado na presente investigação) onde utilizaram três tipos de estudos, sendo estes: 1) caráter transversal, 2) caráter longitudinal, 3) caráter experimental. No estudo 1 (transversal) tiveram como amostra 338 estudantes universitários de uma capital provinciana das Filipinas, onde 226 eram do género feminino e 112 do género masculino. Obtiveram como resultados que o afeto positivo estava positivamente associado ao envolvimento comportamental e emocional, e negativamente associado ao "não-envolvimento" comportamental e emocional. Por sua vez, o afeto negativo foi associado negativamente ao envolvimento comportamental e emocional, e positivamente associado ao "não-envolvimento" comportamental e emocional. Relativamente ao construto do envolvimento, apuraram correlações entre o envolvimento comportamental e emocional e "não-envolvimento" comportamental e emocional com pontuações bastantes elevadas. Concluindo assim, que os estudantes que evidenciaram maiores níveis de afeto positivo estavam mais envolvidos na universidade e nos estudos, tendo apresentado menores níveis de afeto negativo (King et al., 2015).

No estudo 2 (longitudinal) o qual foi medido em dois momentos, contabilizou 676 alunos de duas escolas do ensino secundário nas Filipinas, onde 288 eram do género masculino e 388 do género feminino. Os resultados mostraram que o afeto positivo estava positivamente associado ao envolvimento emocional e comportamental, e negativamente associado ao "não-envolvimento" comportamental e emocional. E ainda que o afeto negativo foi positivamente associado ao "não-envolvimento" e negativamente associado ao envolvimento (King et al., 2015).

No estudo 3 (experimental), no qual utilizaram a técnica de indução de afeto em 98 estudantes universitários das Filipinas, onde 75 eram do género feminino e 23 do género masculino. Apuraram que os estudantes aos quais foi induzido o afeto evidenciaram maiores níveis de envolvimento percebido relativamente ao grupo de controle (King et al., 2015).

Área psicologia geral

Mageau e Vallerand (2007) estudaram o efeito moderador da paixão na relação entre o envolvimento na atividade e o afeto positivo diário, com uma amostra de 154 estudantes universitários, tendo apurado que os participantes que tinham uma paixão obsessiva revelaram menores níveis de afeto positivo, por oposição a paixão harmoniosa apresentou maiores níveis de afeto positivo diário e de envolvimento na atividade. Também Vallerand e colaboradores (2003) realizaram um estudo que revelou que o envolvimento na atividade a paixão harmoniosa estava positivamente associada ao afeto positivo (Mageau & Vallerand, 2007).

Um estudo levado a cabo por Lybomirsky e colaboradores (2005) evidenciou que o afeto positivo tem um papel causal na promoção de resultados positivos em vários domínios da vida do indivíduo, onde encontraram evidências de que existe uma relação consistente entre o afeto positivo e o sucesso em diferentes áreas da psicologia nomeadamente, organizacional, saúde e social (King et al., 2015).

Questão de investigação, objetivos e hipóteses

Nesta linha orientadora, o presente estudo pretende avaliar o Envolvimento e o Não-Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável em adolescentes, mais concretamente qual a associação e/ou relação do Afeto Positivo e Afeto Negativo no

Envolvimento ou Não-Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável em adolescentes.

De acordo com este objetivo de estudo formulam-se as seguintes hipóteses:

H_1 – Espera-se a existência de relação entre afeto positivo e afeto negativo e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes.

H_2 - Espera-se que o afeto positivo seja preditor positivo do envolvimento dos adolescentes com o desenvolvimento sustentável.

H_3 - Espera-se que o afeto negativo seja preditor positivo do não-envolvimento dos adolescentes com o desenvolvimento sustentável.

H_4 - Espera-se que existam diferenças estatisticamente significativas a nível do afeto positivo e afeto negativo e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável em função do género.

Método

Tipo de estudo

De acordo com a tipologia de Montero e Léon (2007), a presente investigação trata-se de um estudo empírico quantitativo, *ex post facto*. As variáveis dependentes são o afeto positivo e afeto negativo e a variável independente é o envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Participantes

A amostra do estudo será não probabilística e os participantes foram escolhidos em função de alguns critérios. Como critérios de inclusão, apenas participaram os adolescentes portugueses que frequentavam o terceiro Ciclo do Ensino Básico em qualquer estabelecimento de ensino em Portugal e que não possuíssem qualquer défice intelectual. Foram excluídos da presente investigação, todos aqueles que não preenchiam os requisitos de inclusão.

Assim sendo, neste estudo participaram 3372 adolescentes, 1713 do género feminino e 1659 do género masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, sendo que a maioria dos adolescentes é de nacionalidade portuguesa. Relativamente ao tipo de escola, a maioria dos adolescentes frequenta o ensino público, não havendo registos de reprovação na sua grande maioria (Tabela 1).

Tabela 1

Caraterização dos participantes

	N	%
Género		
Feminino	1869	50.8
Masculino	1846	49.2
Tipo de Escola		
Pública	3272	97.0
Privada	51	1.5
Profissional	49	1.5
Sucesso Académico		
Reprovou	595	17.6
Não reprovou	2777	82.4
Nacionalidade		
Portuguesa	3268	96.9
Brasileira	44	1.3
Dupla Nacionalidade	36	1.1
Franco-lusitano	4	.1
Cazaque	2	.1
Luxemburguesa	4	.1
Chinesa	6	.2
Francesa	8	.2

Instrumentos de avaliação

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi administrado com o intuito de recolher informações gerais dos sujeitos, sendo aplicado individualmente a todos os participantes. Todas as questões são de resposta curta e/ou de escolha múltipla. Estas são referentes à idade, nacionalidade, género, características socioeconómicas e situação escolar, nomeadamente o rendimento académico. Deste questionário sociodemográfico, nem todas as questões foram utilizadas para análise e, para ir ao encontro do objetivo do

presente estudo utilizamos as variáveis género, idade, nacionalidade, escolaridade e rendimento académico.

The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDISDI)

O *The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDISDI)* é um instrumento de autorrelato de Moreira et al. (2020), foi desenvolvido pelo Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento Positivo (CIPD), em específico por Moreira e colaboradores (2020) estando ainda em processo de validação. Este instrumento avalia o envolvimento e o não-envolvimento dos indivíduos com o desenvolvimento sustentável, em três dimensões, sendo estas a cognitiva, emocional e comportamental. Este instrumento é composto por 38 itens e avaliado numa escala tipo Likert de cinco pontos (1- Totalmente Falso; 5- Totalmente Verdadeiro).

Na presente investigação, este instrumento apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = 0.79$).

Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)

O *Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)* é um instrumento de autorrelato, validado para a população portuguesa por Galinha e Pais-Ribeiro (2005). Este instrumento avalia o afeto positivo e o afeto negativo nos indivíduos. Contabiliza um total de 20 itens em duas dimensões: afeto positivo com 10 itens e o afeto negativo com os restantes 10 itens, avaliados numa escala tipo Likert de cinco pontos (1- Nada ou Muito Ligeiramente; 5 – Extremamente). A versão portuguesa do *Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)* apresenta um nível de consistência interna similar da versão original, sendo que na escala de afeto positivo apresenta $\alpha = 0{,}86$ e na escala de afeto negativo $\alpha = 0{,}89$.

Neste estudo, este instrumento apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .90$).

Procedimentos

Inicialmente a Direção Geral de Educação de Portugal foi contactada para garantir as considerações éticas necessárias para recolher os dados em escolas de todo o território nacional.

Seguidamente realizou-se uma pré-seleção de uma lista de escolas, tendo em consideração o tipo de escola (média, mista ou secundária), a sua disposição entre as regiões e a sua força alusiva de cada escola quer a nível nacional como a nível regional.

Deste modo, foram pré-selecionadas 200 escolas, onde as mesmas foram contatadas por correio eletrónico ou por telefone.

Consequentemente, das 200 escolas foram 83 as que aceitaram participar no presente estudo, onde 81 são do ensino público, uma escola privada e uma escola de ensino profissional. Perfazendo assim um total de 32 escolas de ensino médio e 51 de escolas de ensino misto.

A recolha dos dados realizou-se entre abril e junho de 2019. Tendo a recolha de dados sido em grande parte realizada pelos professores titulares de turma, por cada turma do sétimo ano que participou na presente investigação.

Esteve a cargo da equipa de investigação a preparação e encaminhamento por correio, os protocolos de avaliação para cada escola participante, bem como os consentimentos informados para cada representante legal dos estudantes. Sendo que, apenas foram autorizados a participar no presente estudo e a preencher os questionários, aqueles que se fizeram acompanhar do consentimento informado assinado pelo seu representante legal.

Posteriormente, o representante de cada escola, após a recolha dos dados, inseriu os protocolos coletados em envelopes pré-pagos e remeteu-os de volta para a equipa de investigação.

A participação dos adolescentes foi voluntária, anónima e confidencial, já que não existia nenhuma forma de qualquer adolescente se identificar. O preenchimento destes questionários teve uma duração de aproximadamente 30 minutos.

Análise dos dados

Os dados obtidos foram analisados quantitativamente utilizando a versão 23 do *Software Statistical Package for the Social Sciencs* (SPSS) para *Windows*.

Para a descrição dos participantes recorreu-se à estatística descritiva que permite descrever, sucintamente, um conjunto de dados (Martins, 2011).

Foi testada a normalidade da variância para as diferentes subescalas através do teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Como as subescalas não cumpriram com os requisitos de normalidade, realizou-se a estatística não-paramétrica.

Com o intuito de perceber o tipo de associação/relação entre o afeto positivo e o afeto negativo no envolvimento e não-envolvimento com o desenvolvimento sustentável, foi realizado teste de correlação de *Pearson*. Subsequentemente, análise através de modelos de regressão linear múltipla, com a pretensão de verificar se o afeto positivo e o afeto negativo são preditores de envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Para verificar a existência de diferenças de médias estatisticamente significativas em função do género em relação ao afeto positivo e ao afeto negativo no envolvimento com o desenvolvimento sustentável foram conduzidos testes *Mann-Whitney* para amostras independentes.

Resultados

Relação entre afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável

Na tabela 2 são apresentadas as correlações entre as dimensões do afeto positivo e afeto negativo e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Tabela 2

Correlação entre afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável

	AP	AN	ECog	NECog	EComp	NEComp	EE	NEE
AP	1	.380**	**.148****	.017	**.245****	**-.056****	**.243****	-.024
AN		1	**-.168****	**.295****	**-.075****	**.193****	**-.092****	**.287****
ECog			1	-.424**	.547**	-.366**	.609**	-.433**
NECog				1	-.188**	.573**	-.314**	.655**
EComp					1	-.318**	.629**	-.276**
NEComp						1	-.363**	.522**
EE							1	-.387**
NEE								1

Nota * p<0.05; ** p<0.01
AP = Afeto Positivo, AN = Afeto Negativo;
ECog = Envolvimento Cognitivo, NECog = Não-Envolvimento Cognitivo, Ecomp = Envolvimento Comportamental, NEComp = Não-Envolvimento Comportamental, EE = Envolvimento Emocional, NEE = Não-Envolvimento Emocional.

Da análise efetuada, é possível verificar que o Afeto Positivo se correlaciona positivamente com o Envolvimento, nas suas três componentes: Envolvimento Cognitivo, r = .148, p = .000, Envolvimento Comportamental r = .245, p = .000, Envolvimento

Emocional, r = .243, p = .000. Verificou-se ainda que o Afeto Positivo se correlaciona negativamente com o Não-Envolvimento Comportamental, r = -.056, p = .001.

O mesmo já não acontece com o Não-Envolvimento Cognitivo, r = 0.17, p = .323, e Não-Envolvimento Emocional, r = -.024, p = .171, onde não se verificaram correlações entre as dimensões.

Em relação ao Afeto Negativo, este correlaciona-se positivamente com o Não-Envolvimento Cognitivo, r = .295, p = .000, Comportamental, r = .193, p = .000, e Emocional, r = .287, p = .000 e, negativamente com o Envolvimento Cognitivo, r = -.168, p = .000, Comportamental, r = -.075, p = .000, e Emocional, r = -.092, p = .000.

Tabela 3

Análise da influência do afeto positivo no envolvimento com o desenvolvimento sustentável

Dimensão	R^2	*B*	*t*	*p*
ECog	.022	.148	8.559	**.000***
ECom	.060	.245	14.474	**.000***
EE	.059	.243	14.346	**.000***
NECom	.003	-.056	-3.220	**.001***

Nota. * $p < 0.05$

Da análise de regressão linear efetuada, cujos resultados se apresentam na Tabela 3, conclui-se que o Afeto Positivo parece predizer positivamente o Envolvimento com o desenvolvimento sustentável, nas suas três dimensões: Cognitiva, F (1) = 73,261, p = .000, Comportamental, F (1) = 209,511, p = .000, e Emocional, F (1) = 205,800, p = .000, explicando 2.2%, 6.0% e 5.9% da sua variância, respetivamente. Por sua vez, parece predizer, de forma negativa, o Não-Envolvimento Comportamental, F (1) = 10,370, p = .001, explicando 0,3% da sua variância.

Tabela 4

Análise da influência do afeto negativo no envolvimento com o desenvolvimento sustentável

Dimensão	R^2	*B*	*t*	*p*
ECog	.028	-.168	-9.783	**.000***
ECom	.006	-.075	-4.336	**.000***
EE	.008	-.092	-5.289	**.000***
NECog	.087	.295	17.728	**.000***
NECom	.037	.193	11.295	**.000***
NEE	.082	.287	17.191	**.000***

Nota. * $p < 0.05$

Da análise realizada, conclui-se que o Afeto Negativo parece predizer negativamente o Envolvimento com o desenvolvimento sustentável, nas suas três dimensões: Cognitiva, F (1) = 95,708, p = .000, Comportamental, F (1) = 18,798, p = .000, e Emocional, F (1) = 27,974, p = .000, explicando 2.8%, 0.6% e 0.8% da sua variância, respetivamente (Tabela 4).

Por sua vez, parece predizer positivamente o Não-Envolvimento com o desenvolvimento sustentável, nas suas três dimensões: Cognitiva, F (1) = 314,280, p = .000, Comportamental, F (1) = 127,575, p = .000, e Emocional, F (1) = 295,543, p = .000, explicando 8.7%, 3.7% e 8.2% da sua variância, respetivamente (Tabela 4).

Diferenças entre género ao nível do afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável

A análise permitiu verificar que ao nível do Afeto Positivo e Afeto Negativo foram verificadas diferenças estatisticamente significativas em função do género: Afeto Positivo, U = 12368, p = .000 e Afeto Negativo, U = 11460, p = .000 (Tabela 5).

Em relação ao Envolvimento e Não-envolvimento nas três componentes (cognitivo, emocional e comportamental) com o desenvolvimento sustentável, ambas diferem estatisticamente em função do género: Envolvimento Cognitivo, U = 95796, p = .000, Não-Envolvimento Cognitivo, U = 95232, p = .000, Envolvimento Comportamental, U = 10677, p = .000, Não-Envolvimento Comportamental, U = 99720, p = .000, Envolvimento Emocional, U = 10255, p = .000, e Não-Envolvimento Emocional, U = 97134, p = .000 (Tabela 5).

Tabela 5

Diferenças entre género ao nível do afeto positivo e afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável

	Feminino (*N*=1676) Ordem Média	Masculino (*N*=1617) Ordem Média	*p*
Afeto Positivo	1576.47	1721.08	**.000***
Afeto Negativo	1522.32	1777.17	**.000***
Envolvimento Cognitivo	1883.08	1401.44	**.000***
Não-Envolvimento Cognitivo	1406.55	1898.06	**.000***
Envolvimento Comportamental	1817.54	1469.32	**.000***
Não-Envolvimento Comportamental	1433.3	1867.30	**.000***
Envolvimento Emocional	1842.74	1443.22	**.000***
Não-Envolvimento Emocional	1417.91	1883.29	**.000***

Nota. * $p < .01$

Discussão de Resultados

Este estudo teve como objetivo primordial perceber a importância do afeto positivo e do afeto negativo no envolvimento e o não-envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes.

Deste modo, pode-se averiguar que o afeto positivo e o afeto negativo correlacionam-se com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Em particular, o afeto positivo correlaciona-se positivamente com as três dimensões do envolvimento (cognitivo, emocional e comportamental), e negativamente com o não-envolvimento comportamental, não havendo correlação entre o afeto positivo com o não-envolvimento cognitivo e não-envolvimento emocional. Por sua vez, o afeto negativo correlaciona-se negativamente com as três dimensões do envolvimento (cognitivo, emocional e comportamental) e, positivamente com as três dimensões do não-envolvimento (cognitivo, emocional e comportamental).

Estes resultados permitem aferir que o afeto negativo é preditor de não-envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes e que o afeto positivo é preditor de envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes. Relativamente ao afeto negativo, pesquisas com adolescentes que apresentavam baixo afeto positivo e mais elevado afeto negativo está diretamente relacionado a comportamentos disruptivos ou delinquentes (Lyubomirsky et al., 2005; Windle, 2000).

Neste sentido se compreende que os adolescentes com baixos níveis de afeto positivo e elevado de afeto negativo não serão tão propensos ao envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Por sua vez, a literatura aponta que o afeto positivo é preditor de envolvimento, como apurado em estudo com estudantes do ensino médio em Israel, que adolescentes com maior nível de afeto positivo têm maior predisposição ao envolvimento em questões comunitárias (Lyubomirsky et al., 2005). Bem como por

Feingold (1983) o qual referencia que indivíduos mais felizes são mais propensos aos comportamentos pró-sociais e em ajudar os outros (Lyubomirsky et al., 2005).

No que concerne à análise da influência do afeto positivo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adolescentes, constatou-se que o afeto positivo parece predizer positivamente o envolvimento (cognitivo, emocional, comportamental) dos adolescentes com o desenvolvimento sustentável, e ainda que o afeto positivo parece predizer negativamente o não-envolvimento comportamental dos adolescentes com o desenvolvimento sustentável. Relativamente ao estudo da influência do afeto negativo com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável, o afeto negativo parece predizer negativamente o envolvimento (cognitivo, emocional, comportamental) dos adolescentes com o desenvolvimento sustentável, e também o afeto negativo parece predizer negativamente o não-envolvimento (cognitivo, emocional, comportamental) dos adolescentes com o desenvolvimento sustentável.

Apesar de na literatura não existirem estudos com os construtos da presente investigação, o envolvimento com o desenvolvimento sustentável, para corroborar os resultados obtidos, usaremos as investigações sobre o construto do envolvimento em diferentes áreas da psicologia para melhor entendimento sobre os resultados aferidos.

Pelas investigações na área da educação sobre o envolvimento académico, como por exemplo Reschly e colaboradores (2008) os quais estudaram o papel das emoções positivas (afeto positivo) no envolvimento académico, estes puderam concluir que as emoções positivas (afeto positivo) foram correlacionados a um maior envolvimento dos estudantes na escola e as emoções negativas (afeto negativo) obtiveram níveis mais baixos de envolvimento. Também um estudo de Salanova e colaboradores (2011), no qual tinha como objetivo testar se as crenças de autoeficácia influenciava o envolvimento na atividade com ação mediadora do afeto positivo, tendo concluído que as crenças de

autoeficácia influenciam o envolvimento na atividade através do impacto do afeto positivo ao longo do tempo, tendo apresentado também resultados de que o afeto positivo tem mais elevados níveis no envolvimento na atividade, e por fim apuraram que ao longo do tempo as crenças de autoeficácia aumentam devido ao afeto positivo e ao envolvimento na atividade .

Três estudos com diferente design (transversal, longitudinal, experimental) realizado por King e colaboradores (2015), o qual teve como objetivo averiguar se o afeto positivo é facilitador do rendimento e sucesso académico, e o seu oposto que denominaram como desafeto ou descontentamento (poderemos denominar como não-envolvimento, como é utilizado na presente investigação). No primeiro estudo (transversal) obtiveram como resultados que o afeto positivo estava positivamente associado ao envolvimento comportamental e emocional, e negativamente associado ao "não-envolvimento" comportamental e emocional. Por sua vez, o afeto negativo foi associado negativamente ao envolvimento comportamental e emocional, e positivamente associado ao "não-envolvimento" comportamental e emocional. Relativamente ao construto do envolvimento, apuraram correlações entre o envolvimento comportamental e emocional e "não-envolvimento" comportamental e emocional com pontuações bastantes elevadas. Concluindo assim, que os estudantes que evidenciaram maiores níveis de afeto positivo estavam mais envolvidos na universidade e nos estudos, tendo apresentado menores níveis de afeto negativo. No segundo estudo (longitudinal), os resultados revelaram que o afeto positivo estava positivamente associado ao envolvimento emocional e comportamental, e negativamente associado ao "não-envolvimento" comportamental e emocional. E ainda que o afeto negativo foi positivamente associado ao "não-envolvimento" e negativamente associado ao envolvimento. No terceiro estudo (experimental), apuraram que os estudantes aos quais

foi induzido o afeto evidenciaram maiores níveis de envolvimento percebido relativamente ao grupo de controle.

Pelos estudos na área da educação sobre o envolvimento na atividade ou académico, pode-se concluir que o afeto positivo parece influenciar positivamente o envolvimento na atividade e negativamente o não-envolvimento na atividade, e ainda que o afeto negativo parece predizer negativamente o envolvimento na atividade e positivamente o não-envolvimento na atividade, confirmando por analogia, assim os resultados obtidos na presente investigação.

Para melhor fundamentar os resultados obtidos, estudos na área organizacional com o construto de envolvimento e de afeto positivo, têm evidenciado que o afeto positivo está associado ao sucesso no trabalho (King et al., 2015). Uma investigação onde tinham como hipótese de estudo que o envolvimento no trabalho e as folgas eram relacionadas de mais alto afeto positivo e mais baixo afeto negativo, tendo confirmado a sua hipótese, pois os resultados obtidos revelaram que o envolvimento no trabalho é moderado pelo afeto positivo (Sonnentag et al., 2008). Também na área organizacional, uma investigação para avaliar o papel moderador do afeto positivo nos "*daily uplifts*" (eventos diários) e no envolvimento no trabalho, concluíram que os "*daily uplifts*" são mediados pelo afeto positivo e o envolvimento é parcialmente mediado relativamente ao desempenho e ainda que em ambos as hipóteses, os níveis de afeto positivo foi maior do que o envolvimento (Junça-Silva et al., 2017). Um estudo em contexto cultural chinês com o objetivo de verificar a influência da liderança positiva no envolvimento dos funcionários no trabalho, usando como mediador o afeto positivo, concluíram que o afeto positivo é parcialmente mediador na associação da liderança positiva e o envolvimento do funcionário no trabalho (Yan et al., 2021). Investigação por Vander Elst e colaboradores (2013) que avaliou a insegurança no trabalho em contextos menos tradicionais, os resultados apontam que a

insegurança no trabalho está negativamente relacionada ao envolvimento no trabalho e positivamente relacionada ao sofrimento psicológico, sendo as referidas relações mediadas pelo afeto positivo (Vander Elst et al., 2013). Por Malinowski e Lim (2015) que estudou a relação entre *mindfulness* e o envolvimento no trabalho, concluíram que o autorrelato de *mindfulness* está relacionada ao envolvimento no trabalho, sendo que essas relações foram mediadas pelo afeto positivo, afirmando que o *mindfulness* atua positivamente no envolvimento no trabalho, aumentando também o afeto positivo (Malinowski & Lim, 2015). Por fim, outro estudo na área organizacional que avaliou a influência da resiliência e liderança no envolvimento no trabalho e ainda o efeito mediador do afeto positivo nesta relação, tendo os resultados apurado que a resiliência e a liderança estavam positivamente relacionadas com o envolvimento no trabalho e o afeto positivo é o mediador desta relação (Wang et al., 2017).

Pelas investigações na área organizacional presentes na literatura revelam que o afeto positivo influenciam positivamente o envolvimento do indivíduo no seu trabalho e na tarefa, e que por sua vez o afeto negativo influencia positivamente o não-envolvimento do sujeito na sua atividade. Também pelos estudos da área organizacional vêm corroborar os resultados obtidos na presente investigação.

Estudos na área da psicologia e também da área da saúde com os construtos de envolvimento e de afeto positivo para melhor entendimento da presente investigação, como por exemplo Carrico & Moskowitz (2014) o qual teve como objetivo perceber a relação do afeto positivo em seropositivos que se envolveram no seu tratamento durante 18 meses após o diagnóstico da doença, tendo concluído que maiores níveis de afeto positivo na linha de base foi preditor de envolvimento nos cuidados e tratamento de HIV (Carrico & Moskowitz, 2014). Um estudo piloto na área da saúde, o qual pretendeu avaliar o envolvimento metacognitivo (técnica de instruções) e fatores de risco de

distúrbios alimentares, insatisfação corporal e o afeto negativo, tendo concluído que o não-envolvimento foi associado a maiores níveis de afeto negativo (Atkinson & Wade, 2012).Um estudo na área da saúde, onde teve como objetivo perceber as avaliações cognitivas primárias com a atividade cardiovascular, tendo avaliado também o envolvimento na tarefa, o afeto negativo e o afeto positivo, tendo obtido como resultados que as avaliações cognitivas percecionadas como ameaça estão associadas a maiores níveis de afeto negativo, enquanto as avaliações cognitivas percecionadas como desafio estavam relacionadas a maiores níveis de afeto positivo. Tendo apurado também que o afeto positivo foi correlacionado com o aumento da pressão sistólica e diastólica, sendo que o maior envolvimento na tarefa foi associado a um aumento da resposta da pressão diastólica, tendo por fim concluído que as avaliações cognitivas primarias são maiores preditores de afeto positivo, de afeto negativo e de envolvimento na tarefa (Maier et al., 2003). Hicks & Siedlecki (2015), estudo na área da saúde, o qual teve o intuito de perceber se o envolvimento em atividades de lazer e o afeto positivo são potenciais mediadores de visão positiva sobre o envelhecimento e a saúde (subjetiva e limitações físicas), os resultados revelaram que o afeto positivo e o envolvimento em atividades de lazer foram mediadores parciais na visão positiva sobre o envelhecimento e nos resultados da saúde (subjetiva e limitações físicas), tendo demonstrado que o envolvimento em atividades de lazer e o afeto positivo ajudam a explicar a relação entre a visão positiva sobre o envelhecimento e saúde (subjetiva e limitações físicas) (Hicks & Siedlecki, 2015). Mageau e Vallerand (2007) estudaram o efeito moderador da paixão na relação entre o envolvimento na atividade e o afeto positivo diário, tendo apurado que os participantes que tem uma paixão obsessiva tem menores níveis de afeto positivo, por oposição a paixão harmoniosa apresentou maiores níveis de afeto positivo diário e de envolvimento na atividade. Também Vallerand e colaboradores (2003) realizaram um estudo que

revelou que o envolvimento na atividade a paixão harmoniosa está positivamente associado ao afeto positivo (Mageau & Vallerand, 2007). Um estudo levado a cabo por Lybomirsky e colaboradores (2005) evidenciou que o afeto positivo tem um papel causal na promoção de resultados positivos em vários domínios da vida do indivíduo, onde encontraram evidências de que existe uma relação consistente entre o afeto positivo e o sucesso em diferentes áreas da psicologia nomeadamente, organizacional, saúde e social (King et al., 2015).

No que diz respeito à possível influência do afeto positivo e do afeto negativo com as três dimensões do não-envolvimento com o desenvolvimento sustentável foi possível averiguar que o afeto negativo prediz positivamente o não-envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Apesar de na literatura a estudos relativamente ao construto de não envolvimento com o desenvolvimento sustentável, contudo estudos na área da psicologia organizacional referem que o afeto negativo não é um preditor significativo do envolvimento dos trabalhadores nas suas tarefas (Castellano et al., 2019). Kasser e Brown (2003) e Kasser e Sheldon (2009) nas suas pesquisas apuraram que mais horas de trabalho são preditoras de menores níveis de afeto positivo e maiores de afeto negativo (Kasser, 2009).

No que toca às diferenças entre género, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e o género masculino, nomeadamente em relação ao afeto positivo e ao afeto negativo, o género masculino pontoou mais elevado do que em relação ao género feminino. O mesmo acontece nas três dimensões do não-envolvimento (cognitivo, comportamental e emocional). Já nas três dimensões do envolvimento (cognitivo, comportamental e emocional) é o género feminino que pontua mais elevado comparativamente ao género masculino.

Em relação à diferença de géneros, os resultados do presente estudo indicam que os rapazes pontuaram mais elevado no afeto positivo e no afeto negativo. De acordo com o estudo de Gil da Silva e Dell'Aglio (2018), estes resultados não vão ao encontro do presente estudo. Contudo, de referir que na literatura, Bennefield (2018) demonstrou que os adolescentes latinos apresentam níveis mais elevados de afeto positivo do que os adolescentes brancos, assim como os rapazes apresentam mais elevados níveis de afeto positivo em comparação com as raparigas, o que corrobora com os resultados aferidos na presente investigação. Isto poderá fazer sentido, na medida em que, o envolvimento do próprio adolescente no seu processo de aprendizagem poderá ser um forte preditor de afeto positivo, podendo-se justificar que o adolescente se esforce e acredite no seu rendimento académico, obtendo assim maior atenção por parte dos professores e também melhores oportunidades futuras a nível académico e profissional (Bennefiel, 2018). As dimensões do apoio familiar associadas ao afeto positivo poderão também influenciar estes resultados, nomeadamente a proximidade emocional, isto é, não o tempo com a família, mas sim a qualidade do tempo em família e o bem-estar emocional familiar parece ser a chave destes resultados (Bennefiel, 2018).

Relativamente às diferenças de género no envolvimento com o desenvolvimento sustentável, os resultados corroboram o estudo de Bloodhart e Swim (2020), cujos resultados evidenciaram que as mulheres se envolvem mais em comportamentos sustentáveis do que os homens. No estudo de Zelezny et al. (2000), concluíram também que as mulheres demonstram atitudes e comportamentos pró-ambientais mais proeminentes do que os homens. A par desta informação, os estudos de Zelezny et al., (2000) e Burn et al., (2012) também vão ao encontro dos resultados do presente estudo, uma vez que indica que as mulheres apresentam maiores níveis de preocupação ambiental comparativamente com os homens (e.g., valores ambientais, socio altruístas e de

biosfera). Feingold (1983) evidencia que os indivíduos mais felizes são mais propensos aos comportamentos pró-sociais e em ajudar os outros (Lyubomirsky et al., 2005).

Estes resultados parecem fazer sentido, uma vez que o afeto positivo influencia os comportamentos pró-sociais do indivíduo (Frederickson, 2001; Frederickson, et al., 2003; Wang et al., 2017).

Conclusão

No presente estudo, os resultados aferidos sugerem que o afeto positivo é passível de ser preditor positivo para o envolvimento (cognitivo, emocional e comportamental) com o desenvolvimento sustentável em adolescentes, bem como o afeto negativo se evidenciou como possível preditor de não-envolvimento (cognitivo, emocional e comportamental) com o desenvolvimento sustentável em adolescentes. Pelo apurado na presente investigação, é passível de aferir que as dimensões dos adolescentes, nomeadamente o afeto positivo é mediador positivo para o envolvimento dos jovens com o desenvolvimento sustentável. Se os jovens de hoje serão os adultos do amanhã, sendo estes também os responsáveis pelo rumo da humanidade e do planeta, será importante ensinar aos nossos jovens sobre os comportamentos sustentáveis e os comportamentos pró sociais.

A presente investigação apresentou algumas limitações, nomeadamente a amostra não se apresentou homogénea, relativamente ao número de participantes do género feminino e do género masculino. Outra limitação que se pode referir ao presente estudo, foram os dados terem sido recolhidos em modo *online*, que pode ter inviabilizado um maior número de participantes. O facto dos dados da presente investigação terem sido recolhidos durante a pandemia de Covid-19, nomeadamente durante o estado de emergência que vigorava em Portugal, poderá ter influenciado a recolha assim como os resultados obtidos.

Durante a pesquisa bibliográfica verificou-se que existem muitos poucos estudos relativamente ao envolvimento com o desenvolvimento sustentável, nomeadamente com o envolvimento dos indivíduos nos comportamentos sustentáveis e comportamentos pró-sociais. Se se considera o indivíduo como sendo um agente de mudança e promotor de

mudança, torna-se pertinente tentar compreender o que poderá motivar e incitar aos indivíduos a se envolverem com o desenvolvimento sustentável, quer a nível ambiental, económico ou social.

Referências bibliográficas

Albuquerque, A. & Tróccoli, B. (2004). Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *20*(2), 153-164. https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008

Appleton, J., Christenson, S., Kim, D., & Reschly, A. (2006). Measuring cognitive and psychological engagement: Validation of the Student Engagement Instrument. *Journal of School Psychology*, 44, 427-445. https://doi.org/10.1016/j.jsp.2006.04.002

Appleton, J. J., Christenson, S. L., & Furlong, M. J. (2008). Student engagement with school: Critical conceptual and methodological issues of the construct. *Psychology in the Schools, 45*(5), 369-386. https://doi.org/10.1002/pits.20303

Archambault, I., Janosz, M., Fallu, J. S., & Pagani, L. S. (2009). Student engagement and its relationship with early high school dropout. *Journal of adolescence*, *32*(3), 651-670. https://isiarticles.com/bundles/Article/pre/pdf/36711.pdf

Atkinson, M. J., & Wade, T. D. (2012). Impact of metacognitive acceptance on body dissatisfaction and negative affect: engagement and efficacy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *80*(3),416. https://doi.org/10.1037/a0028263

Bardi, A. & Schwartz, S. (1996). Relations among Sociopolitical Values in Eastern Europe: Effects of the Communist Experience?. *Political Psychology*, *17*(3), 525-549. https://doi.org/10.2307/3791967

Bennefield, Z. (2018). School and Family Correlates of Positive Affect in a Nationally Representative Sample of US Adolescents. *Child and Adolescent Social Work Journal*, *35*(5), 541–548. https://doi.org/10.1007/s10560-018-0539-3

Bloodhart, B., & Swim, J. K. (2020). Sustainability and consumption: What's gender got to do with it. *Journal of Social Issues*, *76*(1), 101-113. https://doi.org/10.1111/josi.12370

Brown, K. W., & Kasser, T. (2005). Are psychological and ecological well-being compatible? The role of values, mindfulness, and lifestyle. *Social indicators research*, *74*(2), 349-368. https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2005_BrownKasser_SIR.pdf

Burn, S. M., Winter, P. L., Hori, B., & Silver, N. C. (2012). Gender, ethnic identity, and environmental concern in Asian Americans and European Americans. *Human Ecology Review*, 136-145. https://www.jstor.org/stable/24707752

Caprara, G. Alessandri, G., & Caprara, M. (2018). The associations of positive orientation with health psychosocial adaptation: A review of findings and perspectives. *Asian Journal of Social Psychology, 22*(2), 126-132. https://doi.org/10.1111/ajsp.12325

Carrico, A. W., & Moskowitz, J. T. (2014). Positive affect promotes engagement in care after HIV diagnosis. *Health Psychology*, *33*(7), 686. https://doi.org/10.1037/hea0000011

Castellano, E., Muñoz Navarro, R., Toledo, M. S., Spontón, C., & Medrano, L. A. (2019). Cognitive processes of emotional regulation, burnout and work engagement. *Psicothema, 31*(1), 73-80. http://www.psicothema.com/pdf/4517.pdf

Christenson, S. L., Reschly, A. L., Appleton, J. J., Berman, S., Spanjers, D., & Varro, P. (2008). Best practices in fostering student engagement. In A. Thomas, & J. Grimes (Eds.), *Best practices in school psychology V* (pp. 1099-1120). National Association of School Psychologists.

Corral-Verdugo, V., Tapia, C., García, F., Varela, C., Cuen, A., & Barrón, M. (2012). Validation of a scale assessing psychological restoration associated with sustainable behaviours. *Psyecology*, *3*(1), 87-100. https://doi.org/10.1174/217119712799240242

Damásio, A. R. (1994). *Descartes' error: Emotion, reason, and the human brain*. New York: Putnam.

Damasio, A. R. (1998). Emotion in the perspective of an integrated nervous system. *Brain Research Reviews, 26*(2-3), 83–86. https://doi.org/10.1016/S0165-0173(97)00064-7

De Young, R. (1996). Some psychological aspects of reduced consumption behavior: The role of intrinsic satisfaction and competence motivation. *Environment and behavior*, *28*(3), 358-409. https://doi.org/10.1177/0013916596283005

Diener, E., Suh, E., Lucas, R., & Smith, H. (1999). Subjective Well-Being: Three Decades of Progress. *Psychological Bulletin*, *125*(2), 276-302. https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276

Diener, E. (2000). Subjective Well-Being. The Science of Happiness and a Proposal for a National Index. *American Psychologist*, *55*(1), 34-43. https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.34

Diener, E., & Seligman, M. E. (2002). Very happy people. *Psychological science*, *13*(1), 81-84. https://doi.org/10.1111/1467-9280.00415

Di Fabio, A. (2017). The Psychology of Sustainability and Sustainable Development for Well-Being in Organizations. *Frontiers in Psychology, 8*, 1534. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01534

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro. Zahar.

Fernandes, M. (2002). Desenvolvimento Sustentável – Antinomias de um conceito. *Raízes*, *21*(2), 246-260. https://doi.org/10.37370/raizes.2002.v21.196

Fernandes, H. R., Caldeira, S., & Veiga, F. H. (2014). Envolvimento do aluno na escola e comportamento disruptivo. *Revista iberoamericana de educación*. https://doi.org/10.35362/rie661293

Finn, J. D. (1989). Withdrawing from school. *Review of Educational Research, 59,* 117–142. https://ed.buffalo.edu/content/dam/ed/main/docs/newsletter/Fall09-Jeremy-Finn-Withdrawing.pdf

Fredrickson, B. L. (2001). The role of positive emotions in positive psychology: The broaden-and-build theory of positive emotions. *American Psychologist, 56*(3), 218–226. https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.218

Frederickson, B. L., Tugade, M. M., Waugh, C. E., & Larkin, G. R. (2003). What good are positive emotions in crises? A prospective study of resilience and emotions following the terrorist attacks on the United States on September 11th, 2001. *Journal of personality and social psychology*, *84*(2), 365-376. https://www.proquest.com/openview/99849a10bd289180d54edd65e4acbb88/1?pq-origsite=gscholar&cbl=60992

Fredricks, J., Blumenfeld, P., & Paris, A. (2004). School Engagement: Potencial of the Concept, State of the Evidence. *Review of Educational Research Spring*, *74*(1), 59-109. https://doi.org/10.3102/00346543074001059

Fredricks, J., McColskey, W., Meli, J., Mordica, J., Montrosse, B., & Mooney, K. (2011). Measuring Student Engagement in Upper Elementary through High School: A Description of 21 Instruments. Issues & Answers. REL 2011-No. 098. *Regional Educational Laboratory Southeast*. https://www.researchgate.net/publication/234689466_Measuring_Student_Engage

ment_in_Upper_Elementary_through_High_School_A_Description_of_21_Instruments_Issues_Answers_REL_2011-No_098

Froger, G., Méral, P., & Herimandimby, V. (2004). The expansion of participatory governance in the environmental policies of developing countries: the example of Madagascar. *International Journal for Sustainable Development*, *7*(2), 164-184. https://doi.org/10.1504/IJSD.2004.005369

Furlong, M. J., Whipple, A. D., Jean, G. S., Simental, J., Soliz, A., & Punthuna, S. (2003). Multiple Contexts of School Engagement: Moving Toward a Unifying Framework for Educational Research and Practice. *California School Psychologist, 8,* 99–113. https://doi.org/10.1007/BF03340899

Galinha, I. & Pais-Ribeiro, J. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, *23*(2), 219-227. https://doi.org/10.14417/ap.84

Gil da Silva, D. & Dell'Aglio, D. (2018). Avaliação do bem-estar subjetivo em adolescentes: Relações com sexo e faixa etária. *Análise Psicológica*, *36*(2), 133-143. https://doi.org/10.14417/ap.1218

Gilbert K. E. (2012). The neglected role of positive emotion in adolescent psychopathology. *Clinical psychology review*, *32*(6), 467–481. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2012.05.005

Guillen-Royo, M. (2019). Sustainable consumption and wellbeing: Does on-line shopping matter?. *Journal of Cleaner Production*, *229*, 1112-1124. http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Haydu, V. B., & Camargo, J. C. (2013). *Práticas sociais sustentáveis: Psicologia, Educação e Saúde*. Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina.

http://www.uel.br/pessoal/haydu/textos/praticas-sociais-sustentaveis-psicologia-educacao-e-saude.pdf

Helsen, M., Vollebergh, W., & Meeus, W. (2000). Social support from parents and friends and emotional problems in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 29*(3), 319–335. https://doi.org/10.1023/A:1005147708827

Hicks, S. A., & Siedlecki, K. L. (2017). Leisure activity engagement and positive affect partially mediate the relationship between positive views on aging and physical health. *The Journals of Gerontology: Series B*, *72*(2), 259-267. https://doi.org/10.1093/geronb/gbw049

Hopwood, B., Mellor, M., & O'Brien, G. (2005). Sustainable development: mapping different approaches. *Sustainable Development*, *13*, 38-52. http://doi.org/10.1002/sd.244

Howell, A. J., Dopko, R. L., Passmore, H. A., & Buro, K. (2011). Nature connectedness: Associations with well-being and mindfulness. *Personality and individual differences*, *51*(2), 166-171. https://people.ok.ubc.ca/hapassmo/pdfs/001_PAID_nature-mindfulness.pdf

Ilkiw, V. (2010). Emergence of the youth-led sector. *The Philanthropist, 23*(1), 36-43. https://thephilanthropist.ca/original-pdfs/Philanthropist-23-1-399.pdf

Johnsson-Latham, G. (2007). A study on gender equality as a prerequisite for sustainable development. *Report to the Environment Advisory Council*, *2*. http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.183.5477&rep=rep1&type=pdf

Junça-Silva, A., Caetano, A., & Lopes, R. R. (2017). Daily uplifts, well-being and performance in organizational settings: The differential mediating roles of affect

and work engagement. *Journal of Happiness Studies*, *18*(2), 591-606. https://doi.org/10.1007/s10902-016-9740-2

Kaiser, F. G., Schultz, P. W., Berenguer, J., Corral-Verdugo, V., & Tankha, G. (2008). Extending planned environmentalism: Anticipated guilt and embarrassment across cultures. *European Psychologist*, *13*(4), 288-297. https://doi.org/10.1027/1016-9040.13.4.288

Kasser, T. (2009). Psychological need satisfaction, personal well-being, and ecological sustainability. *Ecopsychology*, *1*(4), 175-180. https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2009_Kasser_ecopsych.pdf

King, R. B., McInerney, D. M., Ganotice Jr, F. A., & Villarosa, J. B. (2015). Positive affect catalyzes academic engagement: Cross-sectional, longitudinal, and experimental evidence. *Learning and Individual Differences*, *39*, 64-72. https://doi.org/10.1016/j.lindif.2015.03.005

Krueger, R. F., Hicks, B. M., & McGue, M. (2001). Altruism and antisocial behavior: Independent tendencies, unique personality correlates, distinct etiologies. *Psychological Science*, *12*(5), 397-402. https://doi.org/10.1111/1467-9280.00373

Laguna, M. (2019). Towards explaining the "how" of positive orientation: The beliefs-affect-engagement model. *Asian Journal of Social Psychology*, *22*(2), 133–139. https://doi.org/10.1111/ajsp.12336

Lima, R. & Morais, N. (2016). Caracterização Qualitativa do Bem-Estar Subjetivo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. *Trends in Psychology/Temas em Psicologia*, *24*(1), 1-15. http://doi.org/10.9788/TP2016.1-01

Lyubomirsky, S., King, L., & Diener, E. (2005). The Benefits of Frequent Positive Affect: Does Happiness Lead to Success? *Psychological Bulletin*, *131*(6), 803-855. https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.6.803

Mageau, G. A., & Vallerand, R. J. (2007). The moderating effect of passion on the relation between activity engagement and positive affect. *Motivation and Emotion*, *31*(4), 312-321. https://doi.org/10.1007/s11031-007-9071-z

Maier, K. J., Waldstein, S. R., & Synowski, S. J. (2003). Relation of cognitive appraisal to cardiovascular reactivity, affect, and task engagement. *Annals of Behavioral Medicine*, *26*(1), 32-41. https://doi.org/10.1207/S15324796ABM2601_05

Malderen, E., Goossens, L., Verbeken, S. Boelens, E., & Kemps, E. (2019). The interplay between self-regulation and affectivity in binge eating among adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, *28*, 1447-1460. https://doi.org/10.1007/s00787-019-01306-8

Malinowski, P., & Lim, H. J. (2015). Mindfulness at work: Positive affect, hope, and optimism mediate the relationship between dispositional mindfulness, work engagement, and well-being. *Mindfulness*, *6*(6), 1250-1262. https://doi.org/10.1007/s12671-015-0388-5

Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recuso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir.* Braga: Psiquilíbrios Edições.

Miller, T. (2013). Constructing sustainability science: emerging perspectives and research trajectories. *Sustain Sci 8*, 279-293. http://www.economy4humanity.org/commons/library/s11625-012-0180-6.pdf

Moffatt, I. (1996). *Sustainable development: Principles, analysis, and policies*. London. Parthenon.

Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of clinical and Health psychology*, *7*(3), 847-862. https://www.redalyc.org/pdf/337/33770318.pdf

Moreira, P., Oliveira, J. Crussellas, L., & Lima, A. (2012). Inventário de Identificação de Emoções e Sentimentos (IIES): Estudo de Desenvolvimento e Validação. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, *3*(1), 39-66. https://doi.org/10.34628/ky61-8g85

Moreira, P., Ramalho, S., & Inman, R. (2020). The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDiSDI). *European Journal of Psychological Assessment*. https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000619

Morgado, M., Araújo, A., & Marques, L. (2014). O envolvimento sustentável como contributo para a inclusão social no mundo contemporâneo. *Laguna*, *1*(1). http://hdl.handle.net/1822/32332

Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family contexto in the development of emotion regulation. *Social Devolopment*, *16*(2), 361-388. https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x

Nações Unidas. (2021). Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/

Newman, F.M., Wehlage, G.G. and Lamborn, S.D. (1992). *The Significance and Sources of Student Engagement*. In: Newman, F.M., Ed., Student Engagement and Achievement in American Secondary Schools, Teachers College Press, New York, 11-39.

Oosterhoff, B., Ferris, K., Palmer, C., & Metzger, A. (2017). Longitudinal associations among adolescents' organized activity involvement and sociopolitical values. *Social Development*, *26,* 846-859. https://doi.org/10.1111/sode.12230

Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The annals of the American academy of political and social science*, *591*(1), 25-39. https://doi.org/10.1177/0002716203260078

Pelletier, L. G., Tuson, K. M., Green-Demers, I., Noels, K., & Beaton, A. M. (1998). Why are you doing things for the environment? The motivation toward the environment scale (mtes) 1. *Journal of applied social psychology*, *28*(5), 437-468.

Pianta, R. C., Hamre, B. K., & Allen, J. P. (2012). Teacher-student relationships and engagement: Conceptualizing, measuring, and improving the capacity of classroom interactions. In S. L. Christenson, A. L. Reschly, & C. Wylie (Eds.), *Handbook of research on student engagement* (pp. 365–386). Springer Science + Business Media. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-2018-7_17

Polleto, M. & Koller, S. (2011). Subjective Well-Being in Socially Vulnerable Children and Adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(3), 476-484. https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000300008

Reagan, B. (2015). *Best Practices and Critical Criteria to Support Successful Youth-Based Environmental Engagement Programmes: An evaluation of the YEEP framework*. (Tese de doutoramento não publicada). University of Waterloo, Waterloo, Ontario, Canada.

Reschly, A. L., Huebner, E. S., Appleton, J. J., & Antaramian, S. (2008). Engagement as flourishing: The contribution of positive emotions and coping to adolescents' engagement at school and with learning. *Psychology in the Schools*, *45*(5), 419-431. **https://doi.org/10.1002/pits.20306**

Roldán, J., & Henao, R. (2017). Sustainable development and human development. Evolution or transition in the scientific Conception of sustainability? *Producción + Limpia*, *12*(2), 103-117. https://doi.org/10.22507/pml.v12n2a9

Rosa, J. C. (1992). O Traumatismo Psíquico na Adolescência. *Revista Portuguesa de Psicanálise, 10/11,* 43-48.

Rossi, V., Martins, M., Tashima-Cid, D., & Dias, M. (2020). Reflexões sobre bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Organizações em contexto, ISSNe 1982-8756*, *16*(31). https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v16n31p151-175

Salanova, M., Llorens, S., & Schaufeli, W. B. (2011). "Yes, I can, I feel good, and I just do it!" On gain cycles and spirals of efficacy beliefs, affect, and engagement. *Applied Psychology*, *60*(2), 255-285. https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2010.00435.x

Sampaio, D. (1993). *Vozes e ruídos com adolescentes*. Lisboa. Editorial Caminho.

Schahn, J., & Holzer, E. (1990). Studies of individual environmental concern: The role of knowledge, gender, and background variables. *Environment and behavior*, *22*(6), 767-786. https://doi.org/10.1177/0013916590226003

Segabinazi, J., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D., Giacomoni, C., & Hutz, C. (2012). Escala dos Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes: Adaptação, Normatização e Evidências de Validade. *Avaliação Psicológica*, *11*(1), 1-12. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n1/v11n1a02.pdf

Sen, A. (2000). El desarrollo como libertad. *Gaceta Ecológica*, 55, 14-20. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53905501

Silva, E., & Freire, T. (2014). Regulação emocional em adolescentes e seus pais: Da psicopatologia ao funcionamento ótimo. *Análise Psicológica*, *2*(XXXII), 187-198. http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/746/pdf

Silva, P., Recktenvald, C., Júnior, L., Cetolim, S., & Beltrame, V. (2020). Trajetória dos objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS): Uma revisão da literatura. *Anais da Revista Evidência: Biociências, Saúde e Inovação*, *20*(2), 149-220. https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/evidencia

Siqueira, M., & Padovam, V. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *24*(2), 201-209. https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200010

Skinner, E., Furrer, C., Marchand, G., & Kindermann, T. (2008). Engagement and disaffection in the classroom: Part of a larger motivational dynamic? *Journal of Educational Psychology, 100*(4), 765–781. https://doi.org/10.1037/a0012840

Skinner, E. A., Kindermann, T. A., & Furrer, C. J. (2009). A motivational perspective on engagement and disaffection: Conceptualization and assessment of children's behavioral and emotional participation in academic activities in the classroom. *Educational and Psychological Measurement, 69*(3), 493–525. https://doi.org/10.1177/0013164408323233

Sonnentag, S., Mojza, E. J., Binnewies, C., & Scholl, A. (2008). Being engaged at work and detached at home: A week-level study on work engagement, psychological detachment, and affect. *Work & Stress*, *22*(3), 257-276. https://doi.org/10.1080/02678370802379440

Srbinovski, M. S. (2016). Gender differences in environmentalism: A case study of Macedonian students. *Inovacije u nastavi-časopis za savremenu nastavu*, *29*(4),

101-114. http://www.inovacijeunastavi.rs/wp-content/uploads/Inovacije4-16en/PR_08_Srbinovski.pdf

Steinberg, L. & Silk, J. (2002). Parenting Adolescents. In: Bornstein, M. (2ª Eds.), *Handbook of Parenting: Children and Parenting*. (pp. 103-126). Lawrence Erlbaum Associates Inc., Publishers. New Jersey.

Subjetivo. *PSICO*, *43*(3), 280-288. https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8263

Thoits, P. A., & Hewitt, L. N. (2001). Volunteer work and well-being. *Journal of health and social behavior*, 115-131. https://doi.org/10.2307/3090173

Tobar, R., Barrera, S., Rodríguez, B., & Gordillo, A. (2019). Sensitividad Ansiosa y Afecto Negativo: Modelo transdiagnóstico para sintomas ansiosos y depressivos. *Revista Psicología*, *37*(2), 583-602. https://doi.org/10.18800/psico.201902.009

Tormo, C. C. (2008) *Agenda 21 local y gobernanza democrática para el desarrollo humano sostenible: bases para una gestión orientada al proceso*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Politécnica de Valencia, Valencia, Espanha.

Vander Elst, T., Bosman, J., De Cuyper, N., Stouten, J., & De Witte, H. (2013). Does positive affect buffer the associations between job insecurity and work engagement and psychological distress? A test among South African workers. *Applied Psychology*, *62*(4), 558-570. https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2012.00499.x

Wang, Z., Li, C., & Li, X. (2017). Resilience, leadership and work engagement: The mediating role of positive affect. *Social Indicators Research*, *132*(2), 699-708. https://doi.org/10.1007/s11205-016-1306-5

Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*(6), 1063–1070. https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063

Welsch, H., & Kühling, J. (2011). Are pro-environmental consumption choices utility-maximizing? Evidence from subjective well-being data. *Ecological Economics, 72*, 75-87. http://hdl.handle.net/10419/105010

Wentzel, K. (2012). Part 3 commentary: Socio-cultural contexts, social competence, and engagement at school. In S. L. Christenson, A. L. Reschly, & C. Wylie (Eds.), *Handbook of research on student engagement* (pp. 479–488). Springer Science + Business Media. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-2018-7_23

Wilson, D. (2004). The interface of school climate and school connectedness and relationships with aggression and victimization. *Journal of school health*, *74*, 293-303. https://www.proquest.com/openview/2cf4d791fbc41d60449da218d73e9e86/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2368

Windle, M. (2000). A latent growth curve model of delinquent activity among adolescents. *Applied Developmental Science*, *4*(4), 193-207. https://psikologi05.files.wordpress.com/2012/01/model-of-delinquenct-activity.pdf

World Health Organization. (2021). *Adolescent health & development*. https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1

Woyciekoski, C., Stenert, F., & Hutz, C. S. (2012). Determinantes do Bem-Estar Subjetivo. *Psico*, *43*(3). Retirado de https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8263

Yan, Y., Zhang, J., Akhtar, M. N., & Liang, S. (2021). Positive leadership and employee engagement: The roles of state positive affect and individualism-collectivism. *Current Psychology*, 1-10. https://doi.org/10.1007/s12144-021-02192-7

Zelezny, L. C., Chua, P. P., & Aldrich, C. (2000). Elaborating on gender differences in environmentalism. *Journal of Social issues*, *56*(3), 443-458. https://doi.org/10.1111/0022-4537.00177